

20304
C. E. B. B.
BIBLIOTECA



O CORREIO MISSIONÁRIO

■ DAS CRIANÇAS ■

PÁGINA DAS ADOPÇÕES

“O Correio Missionário das Crianças,, não é outra coisa, já o dissemos, do que a “Tribuna,, em tamanho aumentado; conserva pois o mesmo espírito, as mesmas ideias, como também os assinantes e a sua correspondência. Essa correspondência fá-lo travar conhecimento com os pequeninos protectores de crianças indígenas.

Todavia com o Ano Novo, desejaríamos dar uma pequenina explicação.

O que significa a palavra adoptar?

Um donativo para um baptismo?... Uma esmola um pouco mais generosa para o resgate dum pagãozinho?...

Não. A reunião dèsses donativos e a sua attribuição nas missões longínquas é um dos fins da Obra da Santa Infância, à qual nos encarregamos de muito boa vontade de transmitir as nossas oferendas dèste género.

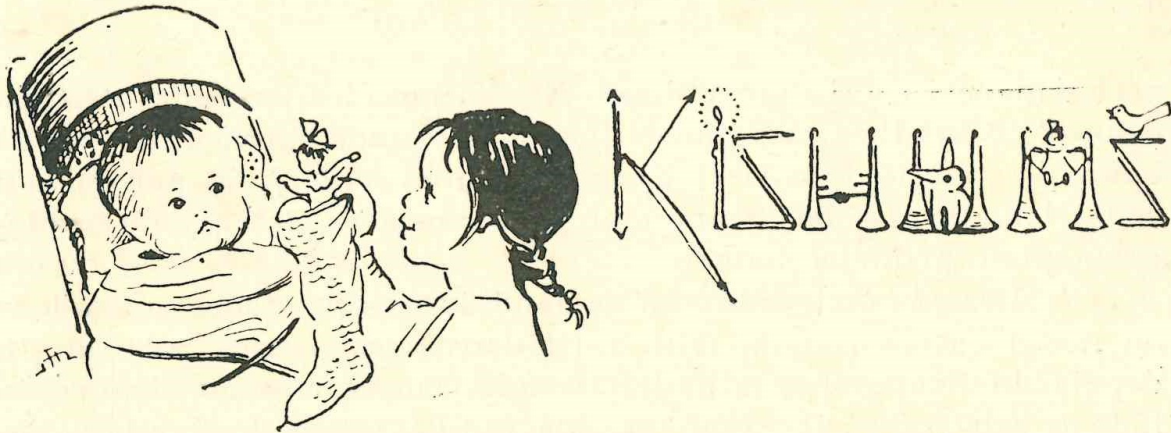
Mas adoptar quiere dizer mais: é um compromisso tomado para com a criança escolhida, uma “promessa,, de socorro: socorros materiais proporcionados às vossas pequeninas bôlsas, dinheiro, vestidinhos, fatos, brinquedos, (mesmo que seja tudo já usado) socorro moral, pelo interêsse que vós lhes testemunhareis por uma correspondência seguida, socorro espiritual também, assegurado pelas vossas orações e pelos vossos pequeninos sacrificios.

Compreendeis bem que é um vasto campo de verdadeiro apostolado, e é a “apóstolos,, decididos a realizar a sua tarefa de todo o coração, que esperamos confiar as numerosas criancinhas dos nossos orfanatos.

Tendes uma preferênciã? Gostais mais dum chinezinho? Preferis um negro? Segui os vossos gostos.

Hesitais?





ÉPOCA de frio, o tempo era magnífico. A planície desdobrava-se numa grande extensão delimitada por montanhas. Os pequeninos «navahos», volvidos já alguns meses, falavam ainda e com que saúde, do seu belo *Kishums*.

Na missão de S. Miguel, dez dias antes, a actividade era febril, preságio pois desta grande festa! Era preciso arranjar o presépio, adornar a capela com as decorações mais formosas, e aprontar alojamento para os cristãos que viriam um pouco de tôda a parte; e depois... e depois havia ainda um outro trabalho de não menor importância, de não menor preocupação: escolher, classificar, contar, multiplicar as prendas e encher os famosos *stockings*.

Os *stockings*? Os que sabem um pouco de inglês, perguntarão o que vêm fazer aqui as *meias*! Meias? Sim, sim! Na América as «meias» equivalem aos «sapatinhos de Natal», entre nós... Imagina a alegria dum pobrezinho, dum pequeno selvagem que recebe uma meia para o seu pé, completamente cheia de *candy*, isto é de doces de tôdas as espécies, de nozes e avelãs!...

As Irmãs enchiam pois, empilhavam para os pequeninos, médios e grandes, centenas e centenas de meias. Das 600 meias e dos quinhentos pacotes de *candy* preparados a mais, nem um só ficou! E não era só isso: havia caixas de brinquedos, montanhas de fatos e vestidos angariados nas grandes cidades pelas missionárias e enviados para os pobres índios.

O Natal aproximava-se. Em breve do Norte e do Sul, do Oriente e do Ocidente, os navahos chegariam em grupos. Na tarde da vigília eram já mais de 500 e alguns tinham andado 75 milhas ⁽¹⁾ para festejar o Natal na Missão. Para acampar, os «navahos»

(1) A milha inglesa equivale a 1.609 metros.

arranjam-se às mil maravilhas! Não fazem êles isso durante todo o ano? Basta-lhes tão pouco! Quem não tem barraca dorme debaixo do cobêrto do carro! Chegou a noite. Às 11 $\frac{1}{2}$ h., por um céu constelado de estrêlas, o sino, dobrando nos ares, deixava ouvir alegremente o primeiro toque.

A Missa da meia-noite foi esplêndida; os pequenos «navahos» da nossa escola tinham feito verdadeiros progressos no canto, e depois do Evangelho, o Padre Arnold, em têrmos ao alcance de todo o seu auditório, explicou aos índios, como êles também devem conservar nos seus corações um lugar para o Menino de Belém.

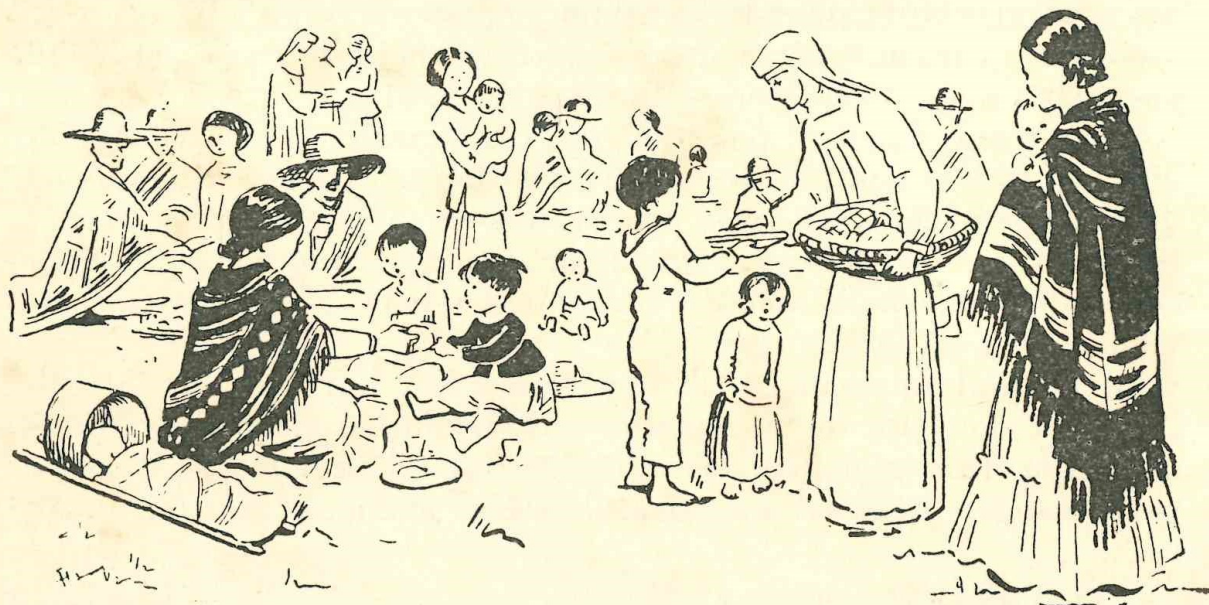
De madrugada, para a segunda Missa, a Igreja estava ainda mais cheia. Foi preciso, a-pesar-do frio, deixar as portas e as janelas abertas para que todos pudessem, quando não ver, pelo menos estarem presentes.

A alegria, essa alegria prometida às almas de boa vontade, reinava entre os bons «navahos».

«Como é lindo o Natal, diziam êles, como é belo ser cristão!...»

Mas... não se podem manter sempre nas alturas «espirituais»... Um grande jantar ia completar a festa, e ao primeiro sinal, os convivas correram a instalar-se em grupos, ao ar livre. Douradinhos carneiros assados, café, *slapcakes* (bolos regionais), nem tanto era preciso para tornar o *Kishums* inesquecível.

Todavia, os do ano passado esperavam de novo e os outros



também os famosos *stockings*! Falara-se tanto dêles e quem não tivera um pouco a sua parte? Sem êles, alguma coisa teria faltado à festa.

Por isso, à tarde, quando a porta do convento se abriu e os cêstos apareceram, os divertimentos terminaram; era qual seria o primeiro a chegar. Foi preciso estabelecer um pouco de ordem, de classificação; depois a distribuição começou: para cada criança um *stocking* repleto; para os grandes um respeitável pacote de candy.

Alegria delirante! Depois como a hora adiantava, os grupos, um a um, partiram novamente e todos prometeram ser ainda melhores cristãos e fiéis à Missa do domingo.

Mas o Natal não devia ser festejado unicamente na Missão. Quantos «navahos» menos felizes não poderiam ir a *S. Miguel*!

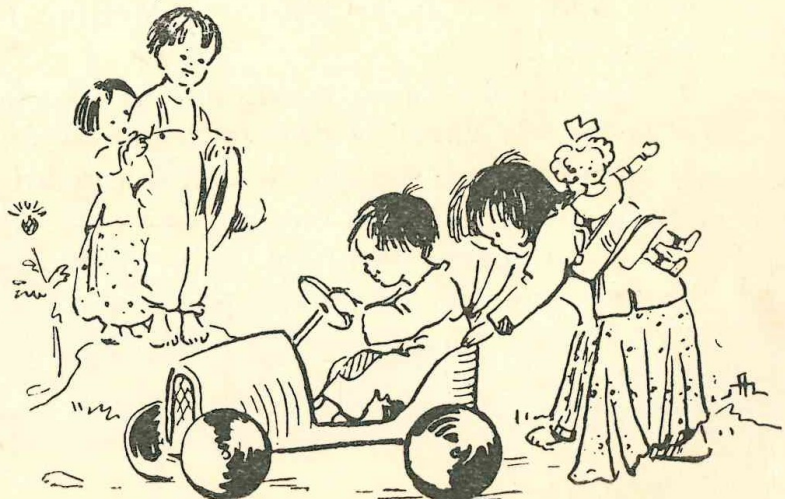
Quantos pequenos postos, existentes longe, longe, e onde, graças a um valente automôvelzinho, as missionárias vão dar catecismo! Não haveria Natal aí?... Sem dúvida que sim!...

E eis porque, dez dias antes do Natal, as missionárias partiam, tal dia numa direcção, tal dia noutra, com o pequeno automóvel abarrotado de tesouros.

Logo à chegada, um pequenino presépio portátil, era desencaixotado, montado e instalado; depois começava o cortejo dos «navahos». Um grande silêncio, olhos brilhantes de surpresa, de admiração a princípio; a seguir vinham perguntas de «porquês» sem fim:

«Porque é que o Menino está sôbre a palha? Porque está ali o boi, o burro e os carneiros? O Menino Jesus vai dormir também com êles, no meio dos rebanhos?...»

E sempre era preciso recomençar a história do querido Rei Jesus, vindo ao mundo para nos merecer o belo céu e que era preciso amar muito.



No dia seguinte, o Missionário celebrava a Missa tão solene quanto possível na capelinha do pôsto, ou à falta desta, na sala da escola; depois era festa todo o dia!

Faziam parte do programa jogos e concursos. Os pais assistiam, e que orgulho sentiam ao ver os filhos levar um prêmio — tantos campeões como crianças — e que riqueza!

Um *stocking* cheio de doces! Faça-se uma idea, quando um bocadinho é uma coisa já tão rara!

Segue-se a distribuição de brinquedos. Só faltou uma máquina fotográfica para vos mostrar estas figurinhas pasmadas à vista dos balões de tôdas as côres, dos arcos e das flechas, das cornetas, dos vagões, das bonecas! Que dizer dum pequeno automóvel, que ainda não era um dêsses belos brinquedos mecânicos, modernos, mas um simples carro que precisava de se empurrar!

«*I car, I car*, (Sou eu quem guia!) Era a única palavra de inglês, ou quási, que êles sabiam, e como cada um pedia para ter um instante a felicidade de conduzi-lo!...

E muito de-pressa, aqui também, a noite chega. É preciso desmontar o pequenino presépio, colocar a imagem do Menino Jesus na sua caixinha estofada... E no meio de aclamações de alegria e de gritos de reconhecimento, o valente automóvel retomou o caminho da Missão, aliviado da sua carga... mas naquele pôsto, lá longe, que feliz noite se passou!...

Na própria manhã do dia de Natal, um dos missionários e duas Irmãs partiram numa outra direcção. Primeira paragem numa aldeia a algumas milhas da Missão de S. Miguel: a santa Missa e a instrução eram seguidas de alguns jogos e duma grande distribuição de brinquedos, fatos e *stockings*; depois, sem se atrasar, era necessário partir de-pressa para o segundo pôsto a 25 milhas mais longe. Não era um pouco à semelhança dos pastores apressando-se para adorar e fazer adorar o Menino recém-nascido, numa outra Belém?...

Sabia-se que as missionárias não faltariam, por isso de todos os lados, de carro, a cavalo, a pé, os «navahos» chegavam. A distância não é nada para êles. Uma criança faz mais de 6 milhas em jejum, quando deseja comungar.

Aqui, eram também pelo menos 500 pessoas. Numa capela muito pequenina apertavam-se, amontoavam-se, esmagavam-se, mas tôda a gente queria arranjar um lugar!

Também houve jogos e uma distribuição de brinquedos. Mas o que se viu, e que em mais parte alguma se tinha visto, quando a tarde principiava a declinar e era preciso pensar no regresso, três bons «navahos» avançaram um pouco acanhados, um pouco tímidos... Como os pastores, também êles traziam os seus presentes!

O primeiro oferecia uma excelente provisão de bela madeira de cedro para queimar, outro pão de trigo saído da arca e o terceiro, um bom vélho de feiçoes muito características, a quarta parte dum carneiro, coisa que os «navahos» mais apreciam.

Tesouros do pobre... mas aquilo que os tornava bem mais preciosos, era a alegria de dar, a alegria da caridade, que o Natal tinha inspirado ao coração dêstes bons «navahos».

Como se fundou uma Missão entre os antropófagos

DESDE então, disfarçadamente, aproveitava-se de tudo para atrair a si a criança. Um dia, conseguindo escapar-se à vigilância das Irmãs, Asemeke dá uma segunda fugida à aldeia. Encontra o seu «credor» que lhe oferece uma bela manga; aceita-a, come-a com avidez, depois corre a contar às companheiras o presente que tivera. Passados cinco minutos, torcendo-se com as dores, sucumbia. A religiosa só teve tempo de a baptizar ali à beira do caminho e enquanto a transportava nos braços para o convento, a pobrezinha lançava o último suspiro. O negro dera-lhe o fruto envenenado.



ENTÊRRO PAGÃO

Não longe da aldeia, na orla da floresta, estendem-se os terrenos da missão, plantações de bananeiras, milho, batata doce. Um grupo de órfãs trabalham aí debaixo da direcção das Irmãs; tôdas as manhãs, depois da Missa, feita a chamada partem para o trabalho.

Os negros gostam de cantar; o trabalho parece-lhes assim menos pesado; ao som de estribilhos geralmente inspirados pelas circunstâncias, a enxada ergue-se e cai em cadência. Um dia as pequenas órfãs tinham partido muito cedo, trabalhavam e cantavam. De-repente as suas vozes foram abafadas por clamores que em breve se transformaram numa vozearia estranha. O que era aquilo?...

Pondo-se primeiro a escutar e em seguida espreitando curiosamente através da folhagem, as negrinhas não tardaram a informar as *Mamelo*: tratava-se dum entêrro. Um negro que passava naquele momento confirmou a sua afirmação: o chefe Membo tinha morrido e infelizmente pagão! A aldeia realizava com solenidade os seus funerais.

Escondidas por detrás dum cortinado de bananeiras, as missionárias quiseram conhecer visualmente essas cerimónias selvagens. Do seu observatório, podiam fãcilmente examinar tudo o que se fazia na aldeia, afastada a alguns cem metros apenas. O cadáver do chefe estava exposto numa clareira. Os chefes das aldeias circunvizinhas, faziam um círculo à volta da padiola; eram cêrca duns vinte. O filho mais vêlho, o herdeiro, conservava-se sòzinho,



imóvel, a uma distância respeitosa. Mais longe, diante da casa do chefe, a rainha, umas dez mulheres e outras tantas crianças, gritavam, cantavam, gesticulavam, entregando-se a mil contorsões, sinais manifestos e forçados de grande desolação. Em sinal de luto tôdas tinham o corpo pintado de branco; a rainha, branqueada da cabeça aos pés, trazia uma grande cinta de fôlhas de bananeira cortadas em franja. A alguns passos, um grupo de carpideiras executava ruídosamente o seu papel, completando êste quadro indescritível.

A cerimônia começa. Cabe ao chefe mais jovem fazer o elogio do defunto. Quando se cala, um concôrto lúgubre de vozes eleva-se e as carpideiras principiam a soltar gritos ensurdecidores... que mais parecem relinchos de cavalos. A família, no lado que lhe compete, chora lamenta-se, torce as mãos à porfia.

Êste barulho continua e vai *crescendo*, até que cada um dos chefes tenha prestado a sua homenagem ao defunto. Então, o mais antigo, com uma lança na mão, volta-se para o herdeiro que se conserva sempre afastado e sempre imóvel. Por um novo discurso proclama, os seus direitos, depois, como testemunho, arremessa a lança aos pés do jovem guerreiro.

Neste momento, tôda a assistência aplaude freneticamente. Quatro mulheres escravas avançam em seguida e transportam o cadáver do chefe que é deposto numa sepultura, enrolado simplesmente num bocado de pano.

Tudo acabou... Mas durante muito tempo ainda, ouvem-se em volta do túmulo cantos, lamentações, uivos que fazem estremecer.

Entre os negros, uma das superstições mais enraizadas é o aparecimento das almas do outro mundo. Para afastar a alma do pobre chefe, durante mais duma semana, tôdas as tardes e até que a noite esteja bem adiantada, os habitantes da aldeia dansam e disparam muitos tiros.

«Algumas semanas depois, prossegue Madre Maria do B. Rizzier, via as mulheres do falecido chefe.

«Cobria-as uma espessa camada de terra e de poeira, e as saias que traziam em franjas de bananeira com várias ordens, pendiam sêcas, também cheias de pó.

«Porque andais assim tão sujas? pergunto-lhes eu.

«— Durante um ano, nós, não lavar, nós ficar assim.

«— E é nisso que consiste o vosso luto?

«— Sim, e nós não dormir também na esteira e não comer peixe.»

«Pobres mulheres!... Confessaram que estas duas últimas penitências, sobretudo a de se deitarem na terra sem nada por baixo, eram as suas mais rudes privações.

«Vós, preguntam-nos elas então, vós não chorar quando morrem os vossos parentes?»

«Expliquei-lhes o melhor possível que é permitido chorar, mas que nós, cristãos, temos a esperança de nos encontrar todos um dia no reino do grande e bom *Nzambi*; que elas podiam também conhecer e amar êste bom *Nzambi*, tornar-se suas filhas e ir um dia para êsse belo reino.

«Um clarão de felicidade, um primeiro desejo de verdade ilumina então os olhos negros e duros destas mulheres selvagens.»

(*Continua.*)

A Candelária em país Malgache

AS velas são benzidas, o incenso sobe no ar, e nas filas compactas dos malgaches, a pequenina chama corre de vela em vela como fogos-fátuos. A igreja de Ambohitratrimo está repleta; a procissão começa.

Entre os pequenos católicos, nenhum, com certeza, falta à festa e cada um se farta de dar cotoveladas ou de deslizar como uma enguia para obter um lugar à sua vontade.

Ah! esta Candelária! Não é só hoje que pensam nela! E apresentar-se na igreja sem a respectiva vela parece-lhes tão impossível como dar as Boas-Estas de Ano Novo sem trazer um presente.

Ora, êstes garotitos, são, na maior parte, de famílias pobres, muito pobres, para as quais — quando o arroz lhes falta — o preço duma vela é uma fortuna! Quem quiser pois adquirir uma, deve tratar de arranjar-se.

Nenhum Malgache se sentiu embaraçado por isso; tanto com respeito à vela, como ao resto. Quanto é preciso? Isso depende

da ambição e da generosidade. Nem pensam mesmo em ir importunar tal tio ou tal parente, pois é a crise.

Muito bem! Far-se-á um pequeno comércio: vender-se-á a porção de arroz, a banana o bocado de pão, inclusivamente todo o jantar!...

No dia 2 de Fevereiro, estão todos na igreja, uns com pobres velinhas de grosseira cera negra, outros com belos círios compridos como uma espiga e brancos como uma Hóstia.

«*Nunc dimittis*» entoa o côro. E a multidão responde: «*Lumen ad revelationem gentium*». E as vozitas repetem também o versículo, esfolando mais ou menos o latim, mas os olhos e a atenção concentram-se nas pequeninas chamas vermelhas que cintilam como estrêlas. Que as velas e os círios sejam causa de distracção, isso é perdoável!

Que alegria acender a sua vela novamente na chama do vizinho e vê-la brilhar outra vez. Os rostozinhos negros parecem radiantes à claridade fulgente das luzes!

Por vezes uma muito delgada e muito apertada pelas mãozinhas negras verga de-repente; apagam-na de-pressa, endireitam-na e tornam a acendê-la; deve consumir-se até ao fim, até que fique tão pouco, tão pouco, que os dedos se queimem.

Assim morrem um a um os círios abençoados dos pequenos malgaches. A procissão termina e a multidão canta pela última vez:

«Luz para iluminar as nações e glória do vosso povo de Israel». Essa *Luz*, essa *Glória*, aprenderam os pequeninos cristãos de Ambohitrarimo que é o Cristo Salvador, e que o seu Reino do qual os círios da Candelária são apenas a imagem, deve iluminar todos os pagãos da sua grande «Ilha Vermelha» e os milhões de infiéis do mundo inteiro.





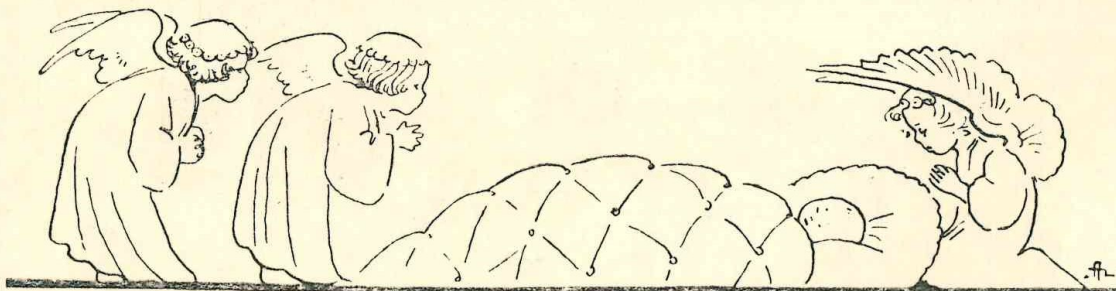
A AVENTURA DE SUSANA

SUSANA é uma pequenina mongol muito gentil, encontrada numa fria manhã à porta do convento de Tsi-su-mu. Achados dêste género — vós sabei-lo — não são raros!

Iria a pobrezinha resistir? Era tão franzina e estava tôda gelada! O R. Padre Capelão julgou mais prudente fazer dela sem demora um anjinho pronto a despedir o vôo para o céu. Mas depois de ter bebido algumas colheres de bom leite e uma vez instalada no seu berço, sob um cobertor muito bem acolchoado, muito quente, adormeceu num sono tão profundo que parecia dizer: «Encontro-me muito bem aqui, se acaso ficar ainda mais algum tempo sôbre a terra!» E de facto à noite, abria e fechava os olhinhos já mais brilhantes. No dia seguinte, ninguém dizia que iria tão cedo brincar com os anjos. Mas como conservar no orfanato entes tão pequeninos que pais pobríssimos vêm entregar às religiosas ou muitas vezes depor misteriosamente à porta ou num canto do recinto! São tão numerosos que é preciso confiá-los a amas, e esta caridade é o que mais especialmente interessa a obra da Santa Infância.

Estas amas, tanto quanto possível, são escolhidas entre as cristãs da aldeia ou dos arredores, mas quando elas faltam, recorre-se às pagãs entre as quais há algumas muito boas, muito dedicadas.

Uma vez assegurada a vida de Susana, procurou-se-lhe logo



uma ama. Ofereceu-se uma honrada pagã que prometeu tratá-la como sua filha. É costume na China que as crianças assim recebidas façam parte da família. Tratam mesmo pelos nomes de pai e de mãe aquêles que estão encarregados dos seus primeiros anos.

Siang-Hoa (Flor perfumada) foi realmente uma mãe para a pequenina *Susana*. Afeiçoou-se-lhe sinceramente, tratava-a como aos seus filhos e quando todos os meses vinha ao orfanato para a mostrar às Irmãs e receber o ordenado, não cessava de fazer elogios às qualidades da sua filhinha tão gentil.

Quatro anos decorreram assim. Ora, quando as órfãs chegam aos quatro anos, de novo a Missão as retoma porque é tempo de começar a sua educação, sobretudo a instrução cristã. Um dia pois, a Madre Superiora disse a *Siang-Hoa* :

«*Siang-Hoa*, sabes, *Susana* tem agora quatro anos. Vai ser necessário que no-la entregues.»

Se bem que pensasse nisso com toda a certeza, a boa mulher ficou toda sobressaltada :

«No próximo mês, *Siéu-tau*, no próximo mês ou então daqui por dois meses.

— Bem, bem, mas mais tarde não.»

Pois, desde esse dia, nem no mês a seguir, nem tão pouco no outro, *Siang-Hoa* não tornou mais a aparecer com a pequenina *Susana* nos dias marcados. Uma, duas, três vezes, as Irmãs mandaram uma vizinha de confiança ou uma Virgem para trazer a órfã. Chegadas a casa de *Siang-Hoa*, *Susana* nunca estava: tinha ido brincar para o bosque, fôra com o pai para os prédios, enfim para outro qualquer lugar, mas sempre para muito longe, lá onde ninguém podia chegar.

E isto prometia prolongar-se indefinidamente. Que fazer?

(*Continua*).

CORREIO MISSIONÁRIO DAS CRIANÇAS

Lisboa, 28 de Novembro de 1938.

Reverenda Madre:

Como já tinha lido nas Tribunas que nós, a-pesar de não estarmos em África, podemos ser madrinhas dos pretinhos, tive um grande desejo de o ser e pedi aos paizinhos para me deixarem arranjar uma afilhadinha. Como obtive licença, serei madrinha de uma pretinha da Missão de S. Salvador a quem porei o nome de Maria de Fátima. Envio 15\$00 para o Baptismo e ficar-lhe-ia, Reverenda Madre, muito agradecida, se me mandasse um retrato e de vez em quando as notícias da minha afilhadinha a quem já muito amo.

Gosto muito de ouvir falar dos pretinhos e da vida das missionárias lá da África!

E cá fico à espera de resposta.

Maria Fernanda da Fonseca Ferreira.

Resposta. — *O gentil pedido e a generosa oferta da Maria Fernanda partiram para S. Salvador e em breve o Correio Missionário terá a alegria de lhe dar notícias da pequenina Maria de Fátima que pedirá muito ao Menino Jesus pela sua querida Madrinha.*

Lisboa. — Maria Gaby de Mascarenhas e Reis, para o baptismo duma pretinha Maria da Conceição, 10\$00.

Maria Fernanda Fonseca Ferreira para baptisar uma pretinha Maria de Fátima, 15\$00.

Guarda. — D. Fernanda Rebelo Azevedo, para o baptismo de duas pretinhas com o nome de Fernanda, 20\$00.



PÁGINA DAS ADOPÇÕES

(Continuação da 2.^a pág.)

Lêde então o que conta a Superiora duma das casas da China :

“A afluência das crianças trazidas ao orfanato era de prever êste ano. Muitas pessoas morrem de fome e os camponeses vêm aos bandos, esperando encontrar na cidade arroz e trabalho.

Um pobre homem, a quem ninguém queria porque arrastava atrás de si uma filhinha dum ano, disse à mulher :

“Vamos dar cabo dela... Deita-a ao rio!...”

“A Mãe recusou-se a isso : “Nunca,,! O dia foi mau, tôdas as portas se fechavam diante desta pobre família. À noite, o pai, desencorajado, ia êle próprio executar a sua fatal sentença, quando, felizmente, aparece uma mulher.

“Que fazes? diz ela. Vais afogar a tua filha. Dá-a às Irmãs da Europa ; elas são boas e recolhem crianças.,”

«A mãe, muito feliz, veio entregar-nos o seu tesouro ; era o quarto bebé trazido nesse dia ; na véspera tínhamos recebido dez!...

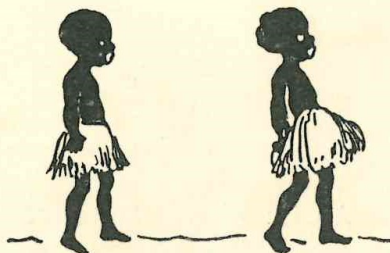
“Agora — mas todos os dias aumenta o número — contamos 170 a amamentar e 300 no convento. Já não sabemos onde metê-los.

“Chegam cobertos de farrapos repelentes e que os pais muitas vezes reclamam ainda para vestir os mais pequeninos ou as irmãs mais velhas ; outros trazem ainda menos, apenas um bocado dum farrapo.

“Quem terá piedade dêstes òrfãozinhos ?

“É-lhes preciso um tecto, vestuário, arroz.,”

Queridos assinantes do Correio Missionário, não tomareis a peito a sua causa ? Como êle principiará na sua linguagem infantil a balbuciar os nomes de Jesus e de Maria pelos seus generosos padrinhos!...



MUNICIPIO DE BARCELÓ
BIBLIOTECA

Nihil obstat

1-2-939.

Alexandrino Santos.

Imprimatur

Bracaræ, 1 Februarius 1939.

† A., Arch. Bracaræ.



CORREIO MISSIONÁRIO DAS CRIANÇAS. — Assinatura anual: 5\$00 — Colónias: 6\$00

Para os assinantes dos Anais: 4\$00 — Assinantes Benfeitores: Grátis

Número avulso: \$60